



Ano 2 | # 3 | edição bimestral | maio e junho de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

## Vinte e uma visões sobre o pai brasileiro da folkcomunicação

MARQUES DE MELO, José; TRIGUEIRO, Osvaldo M. (orgs). **Luiz Beltrão - pioneiro das ciências da Comunicação no Brasil**. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, Intercom, 2008. 262p.

ISBN: 978-85-7745-119-9

**Léo Bueno**<sup>1</sup>

*Luiz Beltrão – pioneiro das ciências da comunicação no Brasil* é resultado de esforços bastante diversos de seus dois organizadores. A Osvaldo Meira Trigueiro, do Departamento de Comunicação e Turismo da Universidade Federal da Paraíba, coube a organização, em novembro de 2006, do seminário *O Pensamento Comunicacional de Luiz Beltrão no Ensino da Comunicação no Brasil: a presença de Luiz Beltrão na Paraíba*. Do evento resultaram alguns dos artigos que compõem este livro. Coube ao seu outro organizador, o veterano José Marques de Melo, reunir novos pareceres e conhecimentos, uma tarefa que não deve lhe ter sido particularmente penosa: Beltrão foi mestre de Melo, que nunca se furtou a homenageá-lo.

Não há no Brasil – ou não deveria haver – jornalista ou estudante de comunicação que ao menos não tenha ouvido falar de Luiz Beltrão. Ele está para o estudo do jornalismo brasileiro como os Beatles estão para o rock: você terá sido influenciado por ele, mesmo que não tenha conhecido diretamente o seu trabalho. Beltrão foi um dos grandes propulsores dos estudos de Comunicação em nossas terras. Foi o primeiro doutor em Comunicação do Brasil, título concedido em 1967 e já então cassado pela ditadura, mas restituído nos anos 1980. Desenvolveu e popularizou os estudos de comunicação no seu nordeste natal. Fundou o INCIFORM (Instituto de Ciências da Informação). Seu trabalho foi reconhecido internacionalmente, a ponto de ele ter sido um dos mais ativos colaboradores do CIESPAL (Centro Internacional de Estudiosos Superiores de Periodismo para a América Latina).

Fez mais. Criou a primeira revista acadêmica sobre o tema, *Comunicação & Problemas*. Como teórico, separou e definiu cientificamente os três tipos de jornalismo praticados no Brasil – o informativo, o opinativo e o interpretativo. E inventou, em terras

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

tupiniquins, o conceito de folkcomunicação; sozinho, este conceito, sobre o qual hoje dezenas de estudantes debruçam cotidianamente, já valeria a Beltrão um lugar na posteridade. E ele ainda achou tempo para militar em outras áreas, como a literatura.

Não admira, pois, que tenha sido possível reunir nada menos do que 21 artigos neste livro, cada um falando sobre um aspecto diferente do trabalho de Beltrão. É verdade que, a título de introdução, nenhum articulista pôde escapar da obrigação de fazer descrições gerais sobre a produção do mestre, de maneira a, no todo, o livro reunir muita informação repetida. Por isso haverá, entre leigos, os que considerarão a obra enfadonha a partir de certo ponto. Entre os comunicadores, contudo, ela é desde já uma valiosa fonte de informação.

Logo no início, José Marques de Melo faz uma rápida e densa síntese do pensamento comunicacional de Beltrão, destacando a teoria da folkcomunicação. Melo lembra o respeito que Beltrão inspirou a nomes como Umberto Eco e Jesús Martín-Barbero, cujo conceito de *mediador* bebeu na fonte da folkcomunicação, criada pelo jornalista pernambucano. Em seguida, Maria Cristina Gobbi aprofunda a descrição, falando também sobre a criação da revista *Comunicação & Problemas* e do pioneirismo do INCIFORM. Rosa Nava, cuja tese de doutorado foi em torno da revista criada por Beltrão, manifesta insatisfação com o tratamento póstumo que ele recebeu da academia. Ela pergunta se o professor não foi vitimado por sua própria independência política.

Entrando numa terceira parte – a que traça o perfil do pensador retratado –, Nicolau José Carvalho Maranini enfoca os aspectos do desbravador Beltrão. A exemplo dos textos que o precedem, este também usa a linha cronológica como fio narrativo da vida do jornalista.

Das descrições cronológicas, Paulo Rogério Tarsitano logra realizar a mais profunda. A descrição dos estudos que o mestre fez em folkcomunicação, embora breve, é muito bem estruturada; ao final, temos uma idéia de como funciona o processo de adaptação das mensagens dos meios de comunicação aos públicos marginalizados.

O texto de Antonio Hohlfeldt é uma façanha instrumental: lida com os principais conceitos levantados pelo mestre e discorre sobre eles o mais sumariamente possível. É quase um guia para o estudante entender a síntese do pensamento de Beltrão. Em seguida, Antonio Teixeira de Barros analisa a metodologia empregada pelo professor, mostrando, de quebra, como ele rompeu as barreiras preconceituosas (de um preconceito quase sempre escamoteado) entre classes populares e intelectualidade.

Alfredo Vizeu procura enumerar e analisar os conceitos formulados por Beltrão à luz de autores anteriores a ele, como Danton Jobim, e contemporâneos, como Pierre Bourdieu. Jorge Duarte encontra uma faceta de Beltrão que, para muitos – mas não para quem conheceu a fundo o trabalho do pesquisador pernambucano –, pode parecer inusitada: a de relações-públicas. Na verdade, Beltrão não só praticou a profissão, em entidades como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), como também pôs no papel algumas de suas diretrizes.

O texto de Cristina Schmidt é o primeiro, em todo livro, em que a figura de Beltrão salta para fora do protagonismo. Ali se discute a folkcomunicação em seus caminhos atuais. Mas é sintomático da atualidade do pensamento de Beltrão que ele ainda seja a principal fonte do artigo da professora. Osvaldo Meira Trigueiro, um dos organizadores do livro, capta uma importante mudança, hoje, no cenário da folkcomunicação. O agente

folkcomunicação, outrora representado pelas figuras que faziam a ponte entre os grandes centros e as comunidades mais afastadas (eram “o chofer de caminhão, o mascate, o bicheiro”), deu espaço – agora que o celular, a TV e a internet já chegam a quase todos os lugares – ao *mediador ativista*, que se insere na comunidade e a altera. Roseane Pinheiro analisa a importância do trabalho da folkcomunicação no cenário maranhense.

É na página 161 que começa o estudo da influência do legado de Beltrão na Paraíba, estado que, segundo José Marques de Melo, “ocupava um lugar especial na trajetória de Luiz Beltrão”. O primeiro artigo, assinado por Iveraldo Lucena, conta como o pioneirismo de Beltrão ajudou a impulsionar uma série de projetos numa universidade, a UFPB, que já nasceu multicampi – e na qual Beltrão foi o idealizador do primeiro curso de bacharelado em jornalismo do nordeste, em João Pessoa. Osvaldo Meira Trigueiro, organizador do seminário, faz em seguida um rápido apanhado da influência de Beltrão no Estado. Um dos primeiros alunos do mestre, Arael Menezes da Costa, comove em seu testemunho de como o professor criou a escola a partir do batente – ou seja: de sua experiência como jornalista. Também aluna de Beltrão, Olga Tavares retrata duas faces supostamente (mas não na prática) contraditórias do mestre: foi professor rebuscado, enquanto também exercia influência por sua simplicidade.

Wills Leal conta a trajetória de Beltrão na Paraíba. Passando, de certa forma, por grande parte dos maiores momentos da Teoria da Comunicação no século XX, Cláudio Cardoso de Paiva cruza conceitos da folkcomunicação aos de pensadores como Benjamin, Adorno, Gramsci, McLuhan e Eco. Severino Alves de L. Filho usa Beltrão como fonte para analisar a importância do cordel no contexto do chamado folkmarketing. No último texto, Roberto Benjamin procura conexões entre o estudo da folkcomunicação e as novas tecnologias que tanto têm mudado a cara da comunicação. Fecha o livro um tratamento cronológico, assinado pela própria Intercom, sobre as atividades do Ano Luiz Beltrão, realizadas ao longo de 2006.

Assim, ao final das 262 páginas de *Luiz Beltrão*, mesmo o mais empedernido pesquisador terá a impressão de ter lido uma série de estudos científicos moldados por um certo sentimento, um carinho que os 21 articulistas deste livro dedicaram ao personagem retratado, tendo-o conhecido ou não. É, de fato, um livro de artigos e uma homenagem. Outras devem vir, e nada mais justo: se Beltrão é um beatle do estudo da comunicação brasileira, deve seguir influenciando muita gente pelas próximas décadas.

